

Jornal da Tarde

12/7/1986

A batalha de Leme

Os oficiais se explicam. Mas há várias versões.

Um deles diz que sua tropa não deu nenhum tiro. Outro diz que só atirou "para o alto" depois que ouviu os tiros do Opala.

Quem matou o bóia-fria Orlando Correia, de 22 anos, e a doméstica Cibele Aparecida Manuel, de 16 anos?

Segundo o tenente-coronel Sendin, comandante da região, sediada em Piracicaba, os responsáveis pelos primeiros tiros, e pelo conflito, foram os ocupantes de um Opala azul. Esse automóvel, mais tarde foi apreendido e identificado como carro oficial da Assembleia Legislativa, de uso do deputado José Genoíno Neto. Com ele, estariam no carro o deputado Djalma de Souza Bom e o candidato a vice-governador pelo PT, Paulo Otávio de Azevedo Júnior.

Na Delegacia de Polícia, o delegado titular, João Batista Dias da Costa, há quatro meses na cidade, confirmou que havia duas testemunhas oculares de que os tiros partiram "do Opala, em direção ao ônibus dos trabalhadores. As testemunhas são o motorista de ônibus e um trabalhador da fazenda Crisciumal.

Entre os 140 policiais que estiveram em atividade nesse movimento, existe enorme desentendimento entre os seus comandantes. O tenente-coronel Sendin afirma, categoricamente, que os primeiros tiros vieram do Opala, aceitando relatório do capitão Veronezzi, do Destacamento de Limeira, que estava comandando cerca de 50 homens, capitão Vilar, de São Paulo, que comandou uma companhia de 80 homens, fazia questão de enfatizar que a situação estava sob controle, e que sua tropa não deu um único tiro:

"Coloco as armas da minha companhia para a perícia neste momento, para provar que digo a verdade."

Já o capitão Veronezzi admite que seus homens atiraram:

"Depois da agressão, meus homens atiraram para o alto."

Só para o alto?

Pode ser que houve tiros na horizontal, também.

O capitão Veronezzi não confirma que foram seus homens os autores dos disparos que mataram o bóia-fria e a doméstica, mas é irrita com a declaração do capitão Vilar se que seus homens não deram um único tiro e só usaram cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo.

A operação militar

Eram 9 horas da noite de quarta-feira, quando o capitão Vilar recebeu ordem para preparar sua companhia e se deslocar até a cidade de Leme, para conter a escalada da greve dos bóias-frias. Uma hora depois, a companhia partiu com cerca de 80 homens. Pararam em Campinas para abastecer e aguardaram instruções até às 2h30 da manhã, na cidade de Araras.

Amanhecia quando chegaram a Leme. O capitão Vilar deu descanso a dois pelotões, com cerca de 50 homens, e partiu para o local dos piquetes, com cerca de 30 soldados, para avaliar

a situação. No local, manteve diálogo com os deputados José Genoíno Neto e Djalma Bom, e com um terceiro líder sindical do qual não recorda o nome:

"Conversamos, eles pareciam tranquilos. Eu lhes disse que não tomaria nenhuma medida de força desde que eles respeitassem os trabalhadores que desejassem passar. Eles acharam muito justo".

Entre 4 e 6 horas da manhã, o capitão Vilar viu o movimento crescer, ganhar força. As 450 pessoas aumentaram até um número de 800 a mil. E, por volta das 6 horas, o conflito foi inevitável. Duas pessoas mortas, mais de 20 feridos:

"A bala?"

"Feridas por projéteis."

O capitão Sílvio Roberto Vilar, 31 anos, desde os 14 na PM, quando ingressou na Escola Militar, faz questão de insistir num ponto:

"Minha tropa não deu um único tiro."

Magro, de bigodes, consciente do seu trabalho, ele dá a entender que a situação poderia ser contornada sem essa violência, e diz desconhecer as versões sobre o Opala dos deputados, que teria fechado o caminhão dos trabalhadores que queriam ir para a fazenda, e mesmo sobre os tiros:

"Não vi nada disso, não sei informar nada a respeito."

Greves, ele tem enfrentado muitas e, felizmente, sem vítimas fatais. Acha que todas as greves que enfrentou até aqui foram iguais, com uma única diferença: as mortes.

"Minha tropa só age com cassetete e armas químicas. E tenho uma voz de comando. Na hora do conflito, uso o cassetete. Em seguida, bombas de gás lacrimogêneo. E só."

O coronel e os culpados

O tenente-coronel Décio Varela Sendin há 12 dias vem acompanhando a greve dos bóias-frias, e sentiu que a noite passada seria difícil de controlar. Usou de toda a ajuda que pôde, reuniu cerca de 140 hectares da PM na cidade de Leme, vindos de Araraquara, Campinas, Piracicaba, Limeira e São Paulo.

"Os usineiros entraram com habeas corpus para garantir o direito daqueles que queriam trabalhar. O juiz concedeu a liminar, e nós tínhamos que fazer cumprir esse direito."

Sendin não conseguiu dar esta garantia na quarta-feira. Poucos foram os que conseguiram trabalhar, e cerca de 85% dos trabalhadores aderiram à greve.

"Diante disso", diz Sendin, "ninguém podia afirmar que a situação estava sob controle. Como havia controle, se aparece um Opala atirando a esmo?"

Os tiros que o tenente-coronel Sendin soube que vieram do Opala, através do relatório do capitão Veronezzi, foram respondidos com tiros pelos policiais:

"Tiros para o alto", admite o coronel.

"Quem atirou, os policiais de São Paulo?"

"Não, o pessoal de São Paulo não atirou. Os tiros foram dos policiais aqui da região."

"De Campinas, Araraquara ou de Limeira?"

"Foram dos policiais da região."

O tenente-coronel Sendin afirma que os policiais só responderam a bala porque os ônibus estavam sendo apedrejados, e os bóias-frias tinham vasto material, pois estavam próximos da linha férrea, e lá havia muito pedregulho.

A disputa, segundo o tenente-coronel Sendin, entre os bóias-frias e os policiais resultou em apenas três feridos a bala, e mais de 20 outros, sendo seis policiais.

Só na Santa Casa, quatro pessoas feridas a bala ainda estavam internadas à tarde, e ainda havia outros bóias-frias que resolveram não procurar o hospital. Um deles estava, com uma bala na barriga, do lado direito. Bastava espremer a pele para se notar o volume do chumbo.

"As viaturas policiais também 'estão amassadas de bala. Não chegaram a perfurar a lataria, porque são balas de pequeno calibre", diz o coronel, e lembra que há várias testemunhas civis que prestaram depoimento na delegacia, confirmando que viram os tiros do Opala.

Suas acusações vão mais longe: em Araras, cidade vizinha, não houve qualquer tipo de violência, porque lá a greve não teve infiltração. Em Leme foi diferente: o militar disse que foi procurado pelos deputados Valdir Trigo, da região de Ribeirão Preto, e Tonico Ramos, e eles o induziram a entender que seria um movimento tranquilo, até que seus comandados foram atacados:

"Foi uma fatalidade".

Depois da fatalidade, o tenente-coronel reuniu-se com o prefeito Orlando Leme Franco, com o bispo, o pároco, e outras figuras representativas da cidade. Todos querem um momento de calma, para impedir a escalada da violência e novas vítimas.

"Nós vamos ficar confinados aqui no quartel. E daqui não sairemos, sem que haja necessidade premente."

Esta foi a primeira greve de bóias-frias na cidade de Leme.

O capitão Antônio Carlos Veronezzi, do Destacamento de Limeira, não nega que sua tropa atirou. Atirou primeiro para o alto, e depois, para a horizontal. Não havia como evitar, diante do confronto. Segundo ele, os bóias-frias atacaram a tropa, e não se intimidaram.

Desde as 2 horas da madrugada, o capitão Veronezzi estava na expectativa dos problemas que essa greve iria gerar. Tinha de garantir a passagem dos trabalhadores, cumprir a lei. Os primeiros ônibus e caminhões conseguiram passar, mesmo apedrejados, mas usando de velocidade:

"Alguns piqueteiros quase se atiravam na frente dos veículos. Ali já era para acontecer uma tragédia".

Cerca de 800 a mil piqueteiros insistiram em obstruir a estrada, e os policiais não conseguiam retirá-los dali. O capitão ordenou que seus homens investissem sobre os bóias-frias, tentando causar um efeito psicológico:

"Eles não recuaram", diz o capitão. "Resolveram nos enfrentar. Achavam que estavam fortes para isso." Daí seus policiais começaram a disparar.

"Para o alto", adverte o capitão.

Nesse momento, ele viu dois Opalas, vindo na direção de um ônibus de trabalhadores, e disparando.

(O tenente-coronel Sendin disse que os primeiros tiros foram do Opala.)

Até então, o capitão afirmou que sua tropa estava agüentando todas as provocações de grevistas manipulados.

Depois dos tiros, também na horizontal, em menos de cinco minutos, não havia quase mais nenhum grevista na praça do bairro de Santa Rita. Ele chegou a ver um rapaz ferido a bala, na perna, ajudou a socorre-lo e, no final, também fez o levantamento dos policiais feridos:

"Sete dos meus homens".

O delegado João Batista Dias da Costa, titular de Leme, disse que está acompanhando o problema de longe, pois é alçada da Polícia Militar, mas que ontem apenas 15% dos trabalhadores não estavam aderindo à greve.

Delegado de polícia há 19 anos, ele faz questão de dizer que tem duas testemunhas que viram os tiros virem do Opala, mas pede para o repórter anotar: "Por favor: ao que consta..."

A Polícia Militar foi cumprir a liminar concedida pela Justiça, houve o confronto.

"E a autoria do crime?"

"Isso fica muito difícil", respondeu o delegado.

Vital Bataglia